

**DO ECOSISTEMA LINGUÍSTICO AO CULTURAL:
ESTUDO DAS ANOTAÇÕES CLIMÁTICAS
DO ESCRITOR EULÁLIO MOTTA**

Iago Gusmão Santiago (UEFS)²⁵

gusmaoiago@gmail.com

Stephanne da Cruz Santiago (UEFS)²⁶

stephannesantiago@gmail.com

Liliane Lemos Santana Barreiros (UEFS)

lilianebarreiros@uefs.br

RESUMO

O escritor baiano Eulálio Motta arquivou em seu acervo pessoal cerca de 2.400 documentos relacionados à sua vida pessoal, profissional e sua produção literária. A chuva aparece como um tema de destaque em diversos textos literários e não literários do escritor, que ressaltam os problemas da seca no sertão baiano e a constante espera do sertanejo pelo seu fim. O presente estudo apresenta uma análise das anotações climáticas do escritor e dos significados da chuva nos documentos do acervo. O estudo fundamenta-se nos pressupostos da filologia, da ecolinguística e nos estudos sobre o escritor. As anotações do escritor possibilitam observar aspectos da vida cotidiana no Sertão baiano, enquanto a análise dos significados da chuva na documentação e das unidades lexicais presentes nas anotações climáticas revela aspectos da relação afetiva do sertanejo com a chuva.

Palavras-chave:

Chuva. Ecolinguística. Eulálio Motta.

RESUMEN

El escritor bahiano Eulálio Motta archivó en su colección personal cerca de 2.400 documentos relacionados con su vida personal y profesional y su producción literaria. La lluvia aparece como tema destacado en varios textos literarios y no literarios del escritor, que destacan los problemas de sequía en el *sertão* bahiano y la constante espera del *sertanejo* por su fin. El presente estudio presenta un análisis de las notas climáticas del escritor y los significados de la lluvia en los documentos de la colección. El estudio se basa en los supuestos de la filología, la ecolinguística y los estudios sobre el escritor. Las notas del escritor permiten observar aspectos de la vida cotidiana en el *sertão* de Bahia, mientras que el análisis de los significados de la lluvia en la documentación y de las unidades léxicas presentes en las notas climáticas revela aspectos de la relación afectiva del *sertanejo* con la lluvia.

Palabras clave:

Lluvia. Ecolinguística. Eulálio Motta.

²⁵ Agradeço à CAPES pelo fomento da pesquisa de Iniciação Científica.

²⁶ Agradeço à FAPESB pelo fomento da pesquisa de Iniciação Científica.

1. Introdução

O escritor Eulálio Motta arquivou em seu acervo pessoal mais de 2.400 documentos ao longo de sessenta anos. Essa documentação apresenta um caráter multifacetado do ponto de vista da tipologia documental, dos gêneros textuais e dos assuntos tratados, possibilitando um olhar reticular acerca das questões pesquisadas. Por conta disso, a documentação apresenta potencial para os estudos no campo das humanidades, desde a esfera da crítica e historiografia literária aos campos da história local, social, política, religiosa, ambiental, e da linguística.

O presente artigo trata-se de um estudo de caráter filológico e ecossêmico das anotações climáticas do escritor Eulálio Motta. Inicialmente, discute-se acerca da pesquisa filológica em acervos pessoais e sua contribuição para a história local; em seguida, sobre os objetivos e métodos da ecolinguística, com destaque para a abordagem da semântica lexical; depois, descreve-se as anotações climáticas do escritor no Caderno Farmácia São José; na sequência, apresenta-se a análise dos designativos da chuva presentes nas anotações climáticas do escritor, contextualizando a temática da chuva na documentação do acervo; por fim, as considerações finais sobre o estudo.

2. Filologia, acervos de escritores e história local

Os acervos de escritores são lidos a partir das conexões estabelecidas entre os documentos que os constituem. Essas conexões se dão a nível linguístico, como gênero, léxico e estilo; bibliográfico, instrumentos de escrita, marcas dos modos de produção, circulação e recepção; e contextual, temáticas que remetem a situações, eventos históricos, vínculos ideológicos e sociais. Assim, os documentos de um acervo se configuram como um rizoma, uma rede de conexões, cujos significados se constroem por meio do acesso à sua interface múltipla e pluridimensional:

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...”. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 37)

Ao desviar-se dos princípios hierárquicos que posicionam os códigos linguísticos, a vontade do autor e a documentação de caráter literário como eixo central (SANTIAGO *et al.*, 2019, p. 112), a leitura filológica rizomática dos acervos de escritores busca considerar também: os códigos não verbais, em suas diversas manifestações; os demais agentes envolvidos na constituição do acervo; e a documentação não literária. Além disso, considerando que os sentidos dos documentos se constroem por meio da recuperação de conexões intertextuais existentes no interior do próprio acervo e com documentos de outros acervos, é necessário observar a questão desde uma perspectiva mais ampla e recuperar informações em outros espaços, partindo das questões suscitadas pela própria documentação.

Como resultado dessa leitura radial, o filólogo recupera e agrupa elementos para a composição de um relato historiográfico que possibilita o acesso sistemático a uma rede de informações para fornecer não apenas o acesso ao documento editado, mas também aos contextos que situam o leitor na cultura, no tempo e no espaço. Esse aspecto pragmático da filologia atual, a *new philology*, a aproxima da nova história cultural, responsável por introduzir novos problemas, abordagens e objetos na historiografia tradicional e a noção de que “tudo tem um passado que pode ser interpretado, rompendo a barreira entre o que é central e periférico na história” (BARREIROS, 2017, p. 393).

A história regional e local pode ser entendida como o campo da historiografia que se volta para o estudo “(...) de determinado grupo social historicamente constituído, conectado numa base territorial com vínculos de afinidades (...)” (NEVES, 2002, p. 45). Esses vínculos se apresentariam como uma rede de práticas e manifestações culturais, que se organizam internamente, mas apresentam-se articuladas com contextos mais amplos. O escopo do trabalho envolve as redes de relações sociais a partir das quais é desenvolvido um senso de pertencimento a uma coletividade, não necessariamente demarcada por limites administrativos. Apesar de haver uma atitude metodológica de fragmentação da história, não é gerada uma leitura parcial do objeto de pesquisa, mas um olhar focalizado, capaz de evidenciar nuances significativas que, “(...) sem perder a dimensão de totalidade, restringe o universo espacial de estudo, permitindo ampliação do temporal, com interdisciplinaridade” (NEVES, 2002, p. 89).

Nessa articulação com a história local, o filólogo assume papel de historiador da cultura desenvolvida no seio de um grupo social geografi-

camente situado, recuperando as coordenadas que dão o aspecto particular à produção de um documento em um dado contexto. Para Barreiros (2017):

O filólogo não é propriamente um historiador, mas ele opera com todos os instrumentos que a história oferece, pois se debruça sobre o texto com o fim de interpretá-lo, de compreender sua relação com a sociedade, com os sujeitos que o manipularam (as mãos que o escreveu, imprimiu, leu, guardou etc.). Ele atua no espaço histórico, não apenas quando lida com o texto, mas, sobretudo quando compõe uma narrativa historiográfica com o objetivo de contextualizá-lo. As introduções e tratados sobre a história da transmissão do texto, a contextualização dos meios de produção, circulação e apropriação são exercícios historiográficos empreendidos pelo filólogo. (BARREIROS, 2017, p. 402)

O exercício filológico diante de acervos de intelectuais locais apresenta, portanto, uma dupla articulação: na primeira, há um exercício de crítica filológica, em que o filólogo busca recuperar e sistematizar os processos que condicionaram o surgimento e a permanência de um documento, atuando, assim, como historiador da cultura escrita; na segunda, ele prepara o texto para sua publicação, proporcionando o acesso e a construção de novas narrativas historiográficas, sobre a cultura escrita e outras esferas das relações sociais, e.g. religião, política, trabalho, educação. A construção dessas novas camadas de narrativas historiográficas pode ser desenvolvida pelo próprio filólogo, ampliando a leitura feita acerca do documento editado, como por historiadores que terão com a publicação da edição uma fonte segura e devidamente contextualizada em sua realidade local.

3. *A ecossemântica e o estudo dos ecossistemas lexicais*

A ecolinguística caracteriza-se por adotar uma perspectiva holística acerca das línguas naturais. A área consolidou-se como um campo dos estudos linguísticos no início dos anos noventa, no contexto do giro ecológico que impactou as ciências humanas durante as últimas décadas do século XX e teve como motivação uma série de desastres ambientais ocorridos no final do século, bem como a ameaça iminente do aquecimento global. A partir desses debates, surgiu o que hoje se pode denominar de humanidades ambientais, um campo interdisciplinar das ciências humanas que busca, dentro das perspectivas particulares de cada área do conhecimento, construir uma reflexão acerca das relações estabelecidas entre os animais humanos e o ecossistema. Seu principal objetivo é discutir caminhos alternativos para o correto manejo dos recursos naturais,

assegurando a sobrevivência das gerações humanas subsequentes e das demais espécies.

Apesar da consolidação das humanidades ambientais e da crescente produtividade das terminologias inspiradas no discurso ecológico, segundo Couto (2013), muitas abordagens ecossistêmicas se desenvolveram desde o início do século XX, trazendo contribuições substanciais para a consolidação da área. No campo da linguística é possível destacar o trabalho do fundador da linguística ecossistêmica, Haugen (1972), que apresenta uma perspectiva da ecologia linguística, caracterizada como o estudo das interações entre uma língua e o seu ambiente. Outro expoente na busca por respostas para questões linguísticas no meio ambiente foi Edward Sapir (1963), dentre seus estudos se destacam as descrições das línguas originárias norte-americanas, cuja interpretação se baseava na descrição da cosmovisão dos seus falantes.

As interações entre língua e ambiente, conforme destaca Sapir (1963), podem se dar entre a linguagem e o ambiente físico, composto pela base econômica da vida humana: e.g. topografia, o clima, regime de chuvas, a fauna, a flora, mediadas pelos vínculos sociais que os animais humanos mantêm com estes elementos. Nesse contexto, cabe ressaltar que a ausência ou a baixa projeção de determinados elementos naturais na estrutura semântica e discursiva das línguas também possui um significado. Por outro lado, Sapir (1963) também destaca a existência de relações entre a linguagem e o ambiente social, constituído pela religião, ética, arte e política de uma dada comunidade. Nesse sentido, pode-se considerar que os elos existentes entre a linguagem e o ambiente não se restringem ao meio natural, mas abrangem todo o ecossistema formado pelas redes de relações estabelecidas pelos seres humanos com a natureza e entre si.

Arran Stibbe (2015) enumera uma variedade de estudos distintos que se encaixam no escopo da ecolinguística, que vão desde a interpretação ecossistêmica da linguagem à perspectiva crítica acerca da relação que o homem estabelece com a natureza:

O termo ‘ecolinguística’ tem sido usado para descrever estudos de interação e diversidade linguística; estudos de textos como placas de sinalização ao ar livre; análise de textos que por acaso sejam sobre meio ambiente; estudos de como as palavras de uma língua se relacionam com objetos no ambiente local; estudos da mistura de linguagens que cercam os alunos em escolas multiculturais; estudos de dialetos em locais geográficos específicos e muitas outras áreas diversas. A multiplicidade de abordagens surge de diferentes entendimentos do conceito de ‘ecologia’, desde um

conceito muito amplo de ‘a interação de algumas coisas com outras coisas’ até conceitos estreitos como ‘relacionados ao ambientalismo’.²⁷ (STIBBE, 2015, p. 8) (tradução nossa)

O léxico de uma língua organiza-se em um sistema de distinções e aproximações semânticas orientado fixado a partir da percepção que os falantes tem da realidade. O que se designa aqui por realidade, no entanto, não é uma condição universal, mas relativa, ou seja, cada grupo social depreende a realidade de uma forma particular. Assim, emergem os ecossistemas lexicais, sistemas de organização da realidade que apresentam particularidades relacionadas aos ambientes natural, cultural e linguístico em que emergem, constituindo formas de designação próprias dentro de um universo de discurso.

A ecolxicologia se ocupa da descrição de um determinado ecossistema lexical, constituído e utilizado por uma população x , em um território y , dentro de um conjunto de interações z . Essa descrição pressupõe a compreensão das redes semânticas que organizam esse ecossistema, por meio de distinções e aproximações que constroem uma imagem espelhada da percepção do ambiente. Para esse fim, recorre-se à ecossemântica lexical, responsável pelo “estudo de como os membros da comunidade captam o real, criam os sentidos, representam o real, categorizando e classificando linguisticamente o meio ambiente” (COUTO; ARAÚJO, 2013, p. 389). A ecossemântica lexical além de ocupar-se dos significados que os membros de uma comunidade compartilham em um determinado território, deve ocupar-se das múltiplas dimensões que os significados podem assumir, pois

Não existe apenas o significado léxico-referencial sistêmico. Além desse significado sistêmico estudado pela gramática gerativa e pela lógica, existem também o significado pressuposicional, o significado implicatural, o significado ilocucionário ou performativo e o significado contextual entre outros. Este último é negociado no lugar e no momento do ato de fala. Normalmente ele é dado pelos fenômenos do meio ambiente físico (social, mental e natural) da ecologia da interação comunicativa. (COUTO; ARAÚJO, 2013, p. 380-1)

²⁷ Texto original: The term ‘ecolinguistics’ has been used to describe studies of language interaction and diversity; studies of texts such as signposts which are outdoors; analysis of texts which happen to be about the environment; studies of how words in a language relate to objects in the local environment; studies of the mix of languages surrounding pupils in multicultural schools; studies of dialects in particular geographical locations, and many other diverse areas. The multiplicity of approaches arises from different understandings of the concept of ‘ecology’, from a very broad concept of ‘the interaction of some things with other things’ to narrow concepts such as ‘related to environmentalism’.

No campo da preocupação com o discurso ecológico, a ecolexicologia se volta para a classificação das palavras e expressões ecológicas, em uma abordagem crítica acerca dos impactos do uso de determinadas unidades lexicais para a preservação ou degradação de ecossistemas naturais e culturais. Assim, a contribuição da ecolexicologia para os estudos lexicais é o de se ocupar “(...) não apenas com o significado de palavras e expressões, mas a questão dos seus usos (...). Ou seja, é o estrato lexical encarado em termos de significados, usos e efeitos”²⁸ (SARMENTO, 2005, p. 93).

4. As anotações climáticas de Eulálio Motta

No acervo do escritor Eulálio Motta, dentre a diversidade de documentos mencionada, encontram-se quinze cadernos de trabalho que constituem a série *Cadernos*. A série agrupa documentos de formatos e dimensões variadas, não havendo a distinção, por exemplo, entre cadernos e cadernetas já que o titular se referia a eles sempre pelo designativo caderno (Cf. BARREIROS, 2015). A série encontra-se organizada em duas subséries: a subsérie *Poesias*, com cadernos exclusivos para projetos de obras compostos por poemas; e a subsérie, *Diversos*, com cadernos com projetos de obras de gêneros textuais diversos, poesias, crônicas, causos, assim como textos de caráter mais pragmático, como anotações, listas, rascunhos de cartas, discursos etc.

O caderno *Farmácia São José*, doravante *FSJ*, tem esse nome devido a existência de uma colagem no centro de sua capa frontal de uma etiqueta retangular de identificação em que consta o nome ‘Farmácia São José’ (Cf. figura 01). A farmácia pertencia à família Motta, porém não se sabe ao certo se o escritor foi apenas um funcionário ou se chegou a ser um sócio do estabelecimento. Quanto à origem do caderno, Santiago (2021), após a comparação da materialidade dos cadernos do acervo, identificou semelhanças entre o caderno *FSJ* e os cadernos *Lágrimas* e *Bahia Humorística*, o que pode ser um indício de que foram produzidos no mesmo lugar. O caderno *Bahia Humorística* apresenta uma colagem na capa com informações sobre o local de sua origem: livraria e tipografia Casa Catugy, localizada na rua Dr. José Golçalves, também “(...) conhecida como ‘Rua do Colégio’, local continuamente frequentado e co-

²⁸ As considerações de Sarmento (2005), apesar de estarem direcionados à ecolexicografia, devem ser considerados também como interesses próprios da ecolexicologia.

mentado por Eulálio Motta, mencionado em diversos documentos do acervo” (SANTIAGO, 2021, p. 101).

Figura 01: Etiqueta da capa do Caderno *Farmácia São José*.

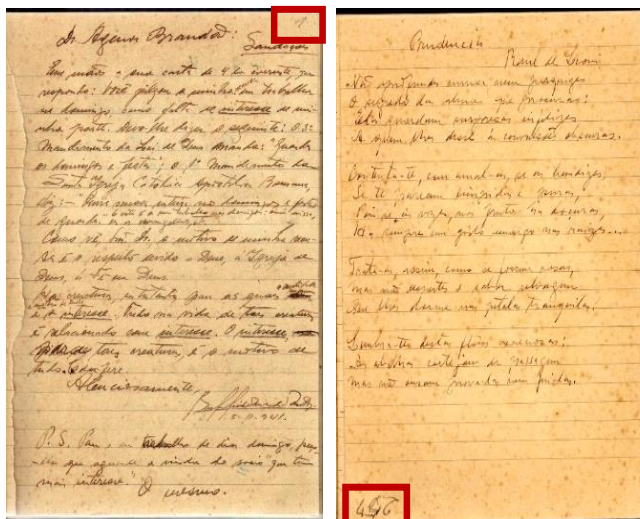


Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

O caderno apresenta uma enumeração feita a lápis pelo escritor na margem superior das folhas no ângulo superior direito (reto) e no ângulo superior esquerdo (verso) (Fig. 02).

A partir da análise desses aspectos materiais é possível notar que o caderno foi dividido em duas seções: a primeira seção (da página 1 a 254) contém escritos, datados entre 1940 e 1945, em sua maioria, crônicas e cartas de temática religiosa; a segunda seção (da página 257 a 296) contém escritos, datados entre 1941 e 1943, em sua maioria, anotações do cotidiano, de temas diversos, dentre os quais pode-se destacar as anotações com informações sobre o falecimento e adoecimento de conhecidos, financeiras, a administração da fazenda, o monitoramento do clima, doenças que assolavam a região.

Figura 02: Enumeração do caderno FSJ, atribuída por Eulálio Motta.



Fonte: Santiago (2021).

Em 1933, Eulálio Motta conclui o curso de Farmácia na Faculdade de Medicina da Bahia e retorna a Mundo Novo, onde começa a atuar na política, fundando o núcleo integralista do município, como farmacêutico e escritor (BARREIROS, 2015). Nesse período, Motta passa a auxiliar também na administração da fazenda Morro Alto, lugar onde viveu com sua família desde que deixaram o arraial de Alto Bonito, por volta do ano 1919. A fazenda Morro Alto, apesar de apresentar características comuns a ambientes rurais, como maior distanciamento social, a aproximação maior ao ambiente natural; não deixava a desejar com relação aos recursos que geralmente encontravam-se disponíveis nos ambientes urbanos. Segundo Barreiros (2015), em meados do século XX, a fazenda já contava com energia elétrica provida por um gerador movido a diesel que proporcionava o uso “de lâmpadas, de rádio e de televisão, havia geladeira e fogão movidos a gás, água na torneira, chuveiro e na garagem havia um *Jeep Willys* modelo 1950” (BARREIROS, 2015, p. 81).

Mundo Novo destacava-se pelo cultivo de café e a criação de gado. O município era considerado referência nacional na criação de zebu, sendo conhecido pelas exposições agropecuárias e pela influência que exercia nos preços do mercado de bovinos. Segundo Barreiros (2015),

As exposições agropecuárias realizadas em Mundo Novo até a década de 1970 mobilizavam todo mercado de gado de raça zebu no país. Esse comércio era tão importante que o preço da arroba vendida em Mundo Novo servia de parâmetro para todo o Nordeste brasileiro. Em Salvador, o jornal *A Tarde* anunciava diariamente o preço da arroba de boi em Mundo Novo. Pelo prestígio econômico, a cidade adquiriu importância política na região e, por conta disso, os coronéis conseguiam eleger seus deputados, favorecendo o desenvolvimento do município. (BARREIROS, 2015, p. 141)

Nesse sentido, a criação de gado era uma atividade bem presente na vida dos mundonovenses. Desde muito cedo o escritor esteve envolvido nas atividades da fazenda, no trabalho com o gado, conforme ressalta Eudaldo Lima, amigo do escritor: “[m]inha parte maior era trazer cedo, sábado, uma rês para o curral do matadouro, pois éramos nós que mantínhamos o comércio de carne” (LIMA, 1981, p. 43). No acervo, há também fotografias de Eulálio Motta com o gado:

Figura 03 – Eulálio Motta ao lado de um boi adulto.



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 04: Eulálio Motta ao lado de um bezerro.



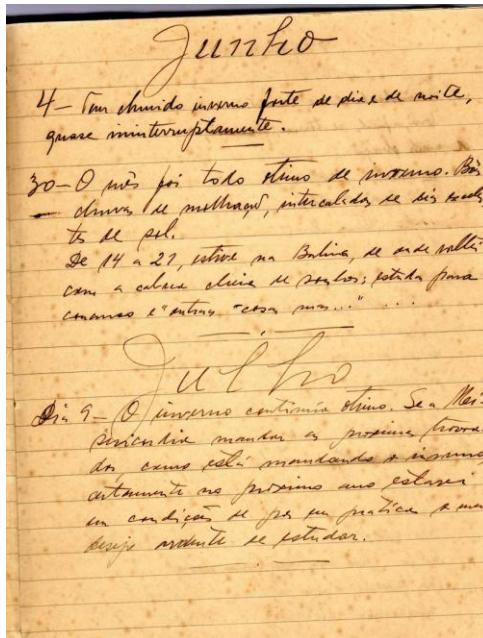
Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

As anotações do caderno *FSJ* demonstram como Eulálio Motta lidava com as questões cotidianas e administrava a fazenda. A partir das anotações, é possível conhecer acerca das doenças que assolavam o interior do estado na década 1940, como a tuberculose e o impaludismo; acompanhar a rotina do escritor, suas viagens, o envio de correspondências; observar o trabalho realizado na fazenda, como a criação e vacinação de animais, atividades de plantio; acompanhar a administração das finanças relacionadas à fazenda, como a compra e venda de animais, empréstimos de bancos e pessoas físicas e controle das finanças de parentes; anotações sobre a chuva, informando dias, locais e características dos fenômenos observados.

Nas anotações, Eulálio Motta geralmente indicava o mês, centralizado, usando um estilo caligráfico diferente e em tamanho maior, apresentava a data do dia em que a anotação estava sendo feita e, em seguida, escrevia o relato conforme pode ser observado na figura 03:

Figura 05: Anotações cotidianas de Eulálio Motta, Junho [1942] e Julho[1942].



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

5. Os designativos da chuva

As anotações sobre a chuva feitas por Eulálio Motta se encontram relacionadas ao trabalho desenvolvido na fazenda, visto que o bom desempenho da atividade agrícola e pecuária depende diretamente do regime de chuvas. O período de seca, muitas vezes, era previsto e anunciado nos meios de comunicação, conforme relata o escritor: “‘A Tarde’ traz entrevistas do Prof. Aurelio de Menezes, prevendo secas para o Nordeste. Estamos de pulga na orelha” (EA2.3.CV1.03.001, 1941, p. 277). Nesse contexto, cabia a Motta monitorar atentamente as alterações no clima para avaliar situações como o plantio, compra e venda de animais, realização de empréstimos e outras atitudes a serem tomadas para lidar com o período de estiagem. Além das questões relativas à administração da fazenda, o escritor demonstrava ter a intenção de retomar seus estudos na capital e precisava de recursos financeiros para tanto, exigindo um aumento nos lucros.

O escritor monitorava as chuvas na região, registrando os lugares, os períodos em que ocorriam, a intensidade e a duração do fenômeno. Além de descrever os fenômenos que ele presenciava, Motta anotava também informações sobre a chuva na fazenda, quando estava ausente: “(...) [a]s informações de Alto Bonito, são de que para lá as chuvas têm sido muito finas” (EA2.3.CV1.03.001, 1942, p. 271); ou em outros lugares, das quais recebia notícias pelo rádio “[o] radio tem dado noticia de chuva em Pernambuco e Sergipe. Há poucos dias havia notícia de chuva em Ceará” (EA2.3.CV1.03.001, 1942, p. 272). Às vezes, o escritor monitorava as chuvas vários dias seguidos, conforme pode-se observar o fragmento a seguir:

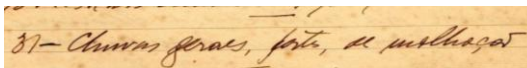
NOVEMBRO

11 – Chuveu, graças a Deus. A preocupação de seca passou. Alívio! Na noite de 8 para 9, chuveu regularmente, começando de tardinha e indo até mais de nove da noite, com intervalos. Foi chuva e molhar bem, dando para aumentar a água em alguns pontos. Zeca aqui no domingo, 9, dando a notícia de que lá a chuva foi boa, dando para aumentar bem as águas. De 9 para 10, (domingo para 2º), chuveu muito: das 12 até ao amanhecer, com pequenos intervalos. De ontem para hoje choveu pouco aqui mas parece ter dado boa perto. (EA2.3.CV1.03.001, 1941, p. 277)

Os designativos da chuva encontrados no caderno variam entre unidades monolexicais, como **aguaceiros**, compostas apenas por uma forma de palavra, e unidades polilexicais ou fraseológicas, compostas por duas ou mais formas de palavra, como **chuva de refrescar** e **chuva de molhação**. Algumas das unidades fraseológicas, no entanto, não apare-

cem registradas integralmente, mas em uma estrutura de ocorrências encadeadas em que há a supressão da forma de palavra inicial, geralmente ocupada pelo formante **chuva**, como exemplificado na figura 06, em que Motta relata a ocorrência de **chuvas gerais**, [**chuvas**] **fortes** e [**chuvas**] **de molhação**. Nesses casos, as unidades foram reconstituídas para fins de análise e descrição, apesar de não apresentarem esse registro no *corpus*.

Figura 06: Unidades fraseológicas com.



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Dentre os designativos encontrados é possível mencionar casos em que as composições se mostram mais transparentes, e.g. **chuva pouca**, **chuva fina**, **chuva de refrescar**. Porém, há casos em que as composições apresentam diversos graus de opacidade, seja pelo uso de formantes que agregam semas mais complexos, como as unidades construídas com o formante **inverno**, e.g. **chover inverno forte**, **chover inverno grosso**; seja pela presença de formantes de uso regional, como é o caso da **chuva de manga**, designativo regional, proveniente do espanhol **manga de água**, “aguaceiro com vento forte²⁹” (DRAE, *on-line*, tradução nossa).

Os designativos se organizam, portanto, dentro de um *continuum* semântico (Fig. 05), cuja interpretação precisa da categoria do fenômeno relatado é importante para a correta leitura das anotações e a compreensão dos eventos atmosféricos relatados. Nesse sentido, buscou-se estabelecer os graus de aproximação e distanciamento das formas para que, com o auxílio dos designativos mais transparentes, seja possível compreender melhor a natureza dos fenômenos designados pelas formas opacas. Além disso, as comparações e detalhamentos apresentados pelo escritor também podem auxiliar na determinação das semelhanças e diferenças de cada fenômeno designado dentro do sistema referencial.

²⁹ Texto original: aguacero con viento fuerte.

Ainda na crônica *Toada Bonita*, Motta menciona o canto da suçuarana e do cururu como sinais interpretados pelo sertanejo como indícios de chuva. No texto é ressaltado que os animais, por serem considerados inocentes, são dignos de comunicar mensagens de Deus aos homens. Esse fato demonstra a integração desses animais ao ecossistema cultural da chuva, visto que o canto deles desempenham um papel semelhante aos sinais visíveis do início do fenômeno atmosférico, como a mudança da temperatura, o comportamento dos ventos, o estado do céu. Na crônica, o escritor enfatiza também como o canto da suçuarana e do cururu são apreciados pelo sertanejo, pelo que eles representam:

Outros confiam mais no cururu. Para estes, nestes dias escaldantes de noites friorentas, a musica mais bela e mais alegre deste mundo é o peito de um cururu “fervendo” no beijo das aguadas ou em pleno chão duro e sêco das chapadas:

- Pra mim a sussuarana pode ficá rouca de gritá: cururu nantando “fervendo” nan fico animado.
- Tudo ista é bobage: **quando Deus qué** nan tem silêncio de cururu qui impate.
- **Mais Deus dá siná na voz dos inocentes.** (MOTTA, 1950) (grifo nosso)

6. Considerações finais

As anotações do Eulálio Motta possibilitam o resgate de aspectos da vida cotidiana no interior da Bahia: das relações interpessoais, das transações realizadas, do comércio e da criação de animais, das atividades agrícolas etc. O estudo destes textos junto a análise de outros documentos do acervo possibilita o resgate e a preservação da história local em diferentes perspectivas. O fato de o escritor documentar as suas vivências por meio das anotações e também da sua produção literária faz da documentação um locus propício para uma análise aprofundada acerca de diversos temas da vida cotidiana. Nesse sentido, a pesquisa no acervo do escritor contribui para a preservação e revitalização da história, abrindo espaço para a construção de novas narrativas acerca das culturas e do modo de viver no sertão baiano.

O estudo das anotações climáticas do escritor Eulálio Motta possibilita o resgate de formas de designação da chuva que não se encontram dicionarizadas, provavelmente por se tratarem de formas regionais. A consulta à documentação do acervo promove o resgate de aspectos cultu-

rais relacionados à chuva, como a percepção que o sertanejo tem do fenômeno, bem como as relações estabelecidas com o ecossistema natural, como no caso da interpretação do canto do cururu e da suçuarana. Esse conjunto de informações contextuais ofertadas pela documentação possibilita uma abordagem ecossistêmica do léxico, que explore não apenas os fatos linguísticos, mas os fatos culturais e ambientais envolvidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULETE ON-LINE. *Chuva*. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/chuva>. Acesso em: 20 mar. 2022.

BARREIROS, Liliane Lemos Santana. *Vocabulário de Eulálio Motta*. Tese (Doutorado em Língua e Cultura), Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura – Instituto de Letras – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. 359f.

BARREIROS, Patrício Nunes. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana: UEFS, 2015.

_____. Por uma abordagem da história cultural das práticas de escrita na edição de textos. *Alea*, n. 19, v. 2. p. 389-414, Rio de Janeiro, 2017.

COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; ARAÚJO, Gilberto Paulino de. A semântica lexical vista pela ecolinguística. In: COUTO, E.K.N.N. do; ALBUQUERQUE, D.B. de; ARAÚJO, G.P. de. *Da fonologia à ecolinguística*. Brasília: Thesaurus, 2013.

COUTO, Hildo Honório do. O que vem a ser ecolinguística, afinal?. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 14, n. 1, p. 275-312, Brasília, 2013.

DELEUZE, Giles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA (DLE). *Manga*. Disponível em: <https://dle.rae.es/manga?m=form>. Acesso em: 20 mar. 2022.

EA2.3.CV1.03.001. *Caderno Farmácia São José*. 1940-1945.

LIMA, Eudaldo. *Romeiros de meu caminho*. Brasília: Itamarati, 1981.

MOTTA, Eulálio de Miranda. Depois da chuva... *Jornal Mundo Novo*, Mundo Novo, p. 5, 4 dez., 1931.

_____. Toada Bonita. *Jornal O Serrinhense*, p. 2, 18 nov., Serrinha, 1950.

NEVES, Erivaldo Fagundes. *História regional e local: fragmentação e recomposição da história na crise da modernidade*. Salvador: Arcádia, 2002.

POLGUÈRE, Alain. *Lexicologia e semântica lexical: noções fundamentais*. São Paulo: Contexto, 2018.

SANTIAGO, Iago Gusmão; SANTIAGO, Stephanie da Cruz; BARREIROS, Liliane Lemos Santana. Edição de documentos e constituição de corpora linguísticos no acervo de Eulálio Motta. *Letras*, v. 30, n. 60, p. 101-29, Santa Maria, 2020.

_____; _____. O acervo do escritor e sua conectividade rizomática. *Léngua & Meia*, n. 9, v. 1, p. 101-122, Brasil, 2019.

SANTIAGO, Stephanie da Cruz. *Meu caro Eudaldo*: edição dos rascunhos de cartas de Eulálio Motta no caderno Farmácia São José. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2021.

SARMENTO, M. S. Por uma ecolexicografia. *Confluências*, v. 2, p. 84-97, maio 2005.

STIBBE, Arran. *Ecolinguistics: Language, Ecology and the Stories We Live By*. London/New York: Routledge, 2015.